

O Filme Proibido

RUBEM BRAGA

O SERVIÇO de Censura do Departamento de Polícia Federal proibiu o filme «Tera em Transe», de Glauber Rocha, por considerá-lo de «propaganda marxista, realizado em estilo subliminar e totalmente irreverente com as autoridades».

Essa decisão é de responsabilidade direta de seu diretor, sr. Romero Lago, e, segundo o jornal, foi tomada após terem sido chamados a opinar «oficiais especializados em Segurança Nacional». Esses oficiais consideraram o filme «perigoso e marxista».

Creio que dessa decisão cabe apêlo para o ministro da Justiça; e neste caso peço ao sr. Gama e Silva que veja o filme pessoalmente, e com isenção, sem se deixar impressionar pelo veredito desses misteriosos «oficiais especializados em Segurança Nacional», de cujo discernimento peço licença para duvidar. Estou dizendo isso porque vi o filme em uma sessão especial.

É difícil resumir a história da fita, mesmo porque ela é contada através de um confuso flash-back. Na hora da morte, um intelectual que se meteu em política, relembra fatos e momentos que viveu. A coisa se passa em um país chamado Eldorado, capital Eldorado, e em uma província do mesmo, chamada Alecrim. O governador dessa província, magistralmente interpretado por José Lewgoy, é um tipo de político populista, meio sincero, meio farsante, que promete muito ao povo e na hora em que o Governo Central faz pressão, entrega os pontos sem luta. Há um político de direita, que é o Paulo Antran, que anda com a Bandeira e a Cruz, e vive em um palácio; um capitalista e dono de jornais e estações de rádio e televisão, que resolve lutar contra uma grande empresa estrangeira, e é o Paulo Gracindo. Pelo que entendi, o tema central do filme é o drama moral do tal agonizante (Paulo Antran) que hesita entre as opções da ação política. Há discursos, poemas, camponeses sem terra, padre, choro, charangas, há farras e suicídio; há coisas que me pareceram belíssimos achados do cinema novo e detalhes que me pareceram infelizes; e não vou especificar, porque não sou crítico de cinema e sou, mesmo, um mau espectador. Mas o que não há, positivamente não há, é propaganda comunista, nem aberta nem velada. O diretor do filme não toma partido, não moraliza, nem sequer marca sua simpatia por este ou aquêle personagem, ou por uma tese, ou pelo quer que seja.

Dizer que esse filme é perigoso, é uma tolice — e uma tolice extremamente perigosa, porque é coisa de quem proíbe o que não entende, proíbe porque proibir é mais fácil e mais cómodo do que procurar compreender.

Sou um grande admirador das qualidades geniais de Glauber Rocha, mas confesso que não gostei do filme. Não vejo, entretanto, sentido algum em interditi-lo. Manter essa interdição será um ato de pura estupidez que comprometerá gravemente esse Governo que apenas começa. Vamos parar com essa brincadeira de caçar bruxas.

DN-20.4.67